

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL



AS IMPLICAÇÕES DA SOBRECARGA DE INFORMAÇÕES NO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE PESQUISADORES VINCULADOS A GRUPOS DE PESQUISA: UMA ANÁLISE NO LABORATÓRIO DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (LAPCI)

Ubiratan Alves Muniz Barretto, Universidade Federal da Bahia (UFBA),
<https://orcid.org/0009-0004-7439-7765>, Brasil, ubiratan.barretto1@gmail.com

José Carlos Sales dos Santos, Universidade Federal da Bahia (UFBA),
<https://orcid.org/0000-0003-1758-3639>, Brasil, jsalles@ufba.br

Eixo: Impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação

1 Introdução

Estudos relacionados aos impactos da tecnologia na saúde mental, correlacionados com as formas de procura, recuperação, seleção e uso das informações, trouxeram à tona uma realidade constatada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021), que posicionou o Brasil como o país mais ansioso do mundo. Essa perspectiva no ambiente acadêmico é ainda mais problemática, onde na “era da informação”, a invisibilidade se assemelha a uma espécie de morte digital, criando assim em indivíduos, uma sensação de “inexistência”, caso não estejam conectados aos acontecimentos do mundo, gerando assim sintomas de ansiedade patológica.

A necessidade de se manter informado, para se sentir “vivo”, pressiona o pesquisador acadêmico, a estar conectado aos diversos sistemas informacionais digitais, visando estar sempre “um passo à frente” nos temas que se propõe a pesquisar, isto porque sabe, que a velocidade com que as informações são compartilhadas, poderia colocá-lo em risco de apresentar algo que já esteja considerado defasado pela comunidade acadêmica.

Esse cenário de cobranças pode contribuir para o surgimento de patologias informacionais, a exemplo da síndrome da fadiga informacional, esgotamento cognitivo gerado pela incapacidade de processamento do excesso de

informações recebidas pelo usuário; a ansiedade informacional e a instalação do estado de normose informacional.

Diante dessa problemática, essa pesquisa propõe-se a investigar: como a sobrecarga de informações interfere no comportamento informacional dos pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa do Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação (LAPCI), nos aspectos atinentes à procura, avaliação e apropriação da informação para as produções acadêmicas?

Como objetivo geral avaliamos que implicações a sobrecarga de informações ocasionam no desempenho acadêmico do grupo selecionado. Para atingir esse objetivo geral, foram estabelecidos estes três objetivos específicos: a) identificar os principais desafios enfrentados pelos pesquisadores vinculados ao Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação (LAPCI), em relação à sobrecarga informacional, destacando suas necessidades específicas de informação para as produções acadêmicas; b) descrever alguns padrões de comportamento informacional dos discentes diante da sobrecarga informacional, investigando como eles realizam a busca, avaliação e seleção de informações relevantes para suas pesquisas e produções acadêmicas; c) analisar a interferência da sobrecarga informacional no

processo de apropriação e utilização da informação pelos dos pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa do Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação(LAPCI).

A escolha deste público, remete também a uma necessidade de que os pesquisadores pudessem ter a oportunidade de aprofundar os estudos sobre o comportamento informacional, sob o ponto de vista da sobrecarga informacional, contribuindo assim para que estes proponham no futuro soluções para mitigar as consequências advindas dessa sobrecarga.

Visando uma melhor compreensão do tema, foi elaborado um referencial teórico que agrega conceitos sobre o comportamento informacional *Thomas D. Wilson, Skinner* entre outros; uma abordagem sobre aspectos das patologias informacionais, proveniente da sobrecarga informacional, fruto da evolução dos sistemas de informação dos processos de procura, recuperação, avaliação e uso da informação, englobando também uma abordagem sobre a ansiedade enquanto fenômeno natural de mulheres e homens, e mais especificamente sobre os principais aspectos da ansiedade informacional, figurando como um dos principais autores *Richard S. Wurman*.

2 Infobesidade Acadêmica

Fenômeno psicológico que ocorre quando um usuário se sente sobrecarregado e incapaz de processar efetivamente todas as informações que recebe no dia a dia, podendo resultar em estresse, ansiedade, dificuldade de concentração. Semelhante ao comedor compulsivo, que por vezes não controla a qualidade do que se come.

Geralmente se instala no usuário na tentativa de processar o volume excessivo de informações recebidas nas atividades diárias, na execução de múltiplas tarefas de forma simultâneas, nas distrações constantes durante o estudo, na exposição às informações contraditórias, na ausência de filtros de informação, na dificuldade de concentração, na fadiga mental, na ansiedade, procrastinação, desorganização, falta de discernimento e exaustão emocional.

Cientistas da informação devem ser também objeto de estudo da sua própria ciência, uma vez que já passaram a se debruçar na identificação do surgimento de diversas patologias informacionais. Neste cenário surgiram as *fake news*; as infodemias como aponta a OMS (2021); o fenômeno da pós-verdade (informação que distorce a verdade, baseada em apelos emocionais e em crenças pessoais que desconsideram os fatos objetivos que a originaram); a desinformação; a sobrecarga informacional; a ansiedade informacional (condição de estresse causada pela inabilidade em acessar, compreender ou fazer uso da informação necessária de acordo com Bawden e Robinson (2009 pp.1-12).

Destacamos também o conceito trazido em 1996 pelo psicólogo David Lewis, para traduzir os sintomas trazidos pelo uso excessivo de informações, ou até o seu não uso, que ele denominou de Síndrome da Fadiga Informativa, uma enfermidade psíquica causada pela overdose de informações. Han (2018, pp.134) aponta que a SFI se instalaria quando o usuário se dedicasse exaustivamente às leituras, cursos, acessos às plataformas digitais, etc.

Reconhecer as nossas limitações se torna um importante passo a ser dado no controle da ansiedade, como aponta *Wurman* (1991) “perceber as próprias limitações torna-se essencial para sobreviver a uma avalanche de informação, você não pode nem deve absorver ou mesmo dar atenção a tudo.” Esse processo de autoconhecimento exige ainda mais do estudante da Ciência da Informação, que tem na sua base científica os estudos das leis fundamentais da biblioteconomia de *Ranganathan*, que se bem utilizadas podem ajudar no processo de diminuição dos comportamentos e sintomas da ansiedade informacional.

3 Sobrecarga Informacional

Após o período pandêmico, muito do vocabulário acadêmico, especialmente nos itens ligados à Ciência da Informação (CI), se expandiu, trazendo à tona problemáticas, que se na prática já existiam, no ambiente

acadêmico ainda figuravam como sombras, que precisariam da nossa atenção em algum momento. Nesse contexto passamos a nos debruçar sobre o surgimento de diversas patologias (doenças) informacionais, ou seja, alterações fisiológicas apresentadas no corpo humano, oriundas da recepção desordenada de informações recebidas pelo homem.

Temos assim o advento das *fake news* (notícias fabricadas conforme Cambridge, 1995); das infodemias (excesso de informações) como aponta a Organização Mundial de Saúde (2021); da pós-verdade (informação que distorce a verdade, baseada em apelos emocionais e em crenças pessoais que desconsideram os fatos objetivos que a originaram, conforme Moraes *et al*, 2020); da desinformação (ausência de cultura ou competência informacional, impossibilitando que o usuário localize por si mesmo a informação que necessita, não chegando as suas próprias conclusões, Pinheiro e Brito, 2014); da sobrecarga informacional (quando a quantidade de informação excede a memória de trabalho de quem a recebe, Graf e Antoni, 2020); a Ansiedade Informacional (condição de estresse causada pela inabilidade em acessar, compreender ou fazer uso da informação necessária, por Bawden e Robinson, 2009); da Infobesidade (sobrecarga informacional causada por escolhas e consumo de informações comprovadamente equivocadas, conforme Johnson, 2012).

Importante destacar que este termo “patologia” não pode ser tomado, sem pesquisas mais elaboradas, para se constatar de fato um dano biológico diagnosticado ao indivíduo. Na ciência da informação, o termo se utiliza como metáforas, que em sua maioria representam o ciclo da informação. (Ribeiro, 2017, p.97)

O avanço do estudo das doenças psiquiátricas, nos atualiza a cada dia que se tem novos diagnósticos, especialmente no tocante ao uso exagerado de informações. Conforme aponta Santos, Leal e Lobo (2024), temos o

registro de outras patologias informacionais registradas na literatura. Podemos citar a Normose Informacional, que se relaciona ao padrão cultural de procura compulsiva por informações e ao temor de se encontrar sumariamente desatualizado, também denominada de Síndrome de FOMO (*fear of Missing Out*), patologia psicológica que acomete os indivíduos que apresentam o medo de “ficar de fora” do mundo tecnológico.

Em uma das suas obras Wurman(1991) aponta em suas falas um “empanturramento de dados”, a ideia relatada é a figura de que o excesso de informação age como um distúrbio alimentar: “quando a quantidade de leitura ingerida excede a quantidade de energia disponível para a digestão, o excesso se acumula e é convertido pelo stress e pela superestimulação em um estado mórbido conhecido como Ansiedade por Sobrecarga de Informação”. Esta situação em que há uma analogia distúrbio alimentar/consumo informacional é utilizada por outros, pela alcunha de *Infobesidade*. (Ribeiro, 2017, p.101).

Em que pese a disponibilidade de informações, combinadas com uma grande facilidade de acesso para a sua obtenção, não podemos afirmar que estas “patologias” são fenômenos atuais, ou somente ocasionados após o advento da tecnologia, especialmente da Internet. É possível encontrar registros na história que já demonstravam possíveis consequências da acumulação de informações conforme apontam Bawden e Robinson (2009),

A passagem da cultura oral para a cultura escrita gerou uma pane informacional devido à impossibilidade de se ler tudo que já fora escrito. (...) A partir do século 19, com o estabelecimento da imprensa da Europa, já se questionava a autoria das informações, assim como ocorre atualmente com as plataformas de criação de conteúdo da web. (...) Outro fato histórico pertinente relaciona-se às publicações profissionais e acadêmicas produzidas em massa no século 19 (Bawden e Robinson, 2009).

Tomando como partida essas considerações iniciais, se faz importante para entender o fenômeno que está contido na grande maioria das patologias informacionais, perceber que a relação do usuário da informação, independente da época em que ocorra, sempre será um dos pontos focais para diagnóstico e estabelecimento de alternativas para diminuir os impactos da sobrecarga informacional nas rotinas dos seres humanos.

Em uma sociedade onde os dados são mais abundantes e difíceis de serem filtrados, a sobrecarga informacional e o adoecimento mental surgem como significativo efeito colateral, assim como o corpo adoce diante dos excessos, o mesmo ocorre com a mente, surgindo a fadiga mental e ansiedade informacional.

A sobrecarga informacional, poder ser considerada uma patologia psicológica, atrelada a sociedade da informação, e para Castells (1999), as suas características básicas são a informação como matéria prima, tecnologia como elemento participativo da atividade humana, convergência de tecnologias, predomínio da lógica das redes e flexibilidade, que influencia na produção em grande escala.

De acordo com *Eppler e Mengis (2004)* existem várias causas inter-relacionadas de sobrecarga de informações: característica da pessoa que recebe a informação, as características da informação, tarefas e processos, processos organizacionais e tecnologia da informação.

4 Síndrome da Fadiga da informação

A SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), o cansaço da informação, é a enfermidade psíquica que é causada por um excesso de informação. Han (2018) faz uma observação quanto a evolução da síndrome apontado que:

A SFI se referia primeiramente àquelas pessoas que precisavam trabalhar profissionalmente por um longo tempo uma grande quantidade de informação.

Hoje todos são vítimas da SFI. A razão disso é que todos somos confrontados com quantidades rapidamente crescentes de informação. O excesso de informação faz com que o pensamento defina. (...) A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial (Han, 2018, pp.104-106).

Para se ter uma ideia da dimensão da quantidade de informações disponíveis, Politi (2021) em texto veiculado na rede mundial de computadores, cita um dado da *USC-Annenberg Scholl for Communication & Journalism*, que relata que os dados circulantes na net equivalem a 174 (cento e setenta e quatro) jornais por dia. Monteiro (2021), traz um dado mais preocupante, segundo o médico, o montante de informações que recebemos diariamente por intermédio dos diferentes meios de comunicação podem chegar a cerca de 7.355 (sete mil, trezentos e cinquenta e cinco) gigas, isto equivalente a um bilhão de livros.

A Síndrome da Fadiga Informativa se instala quando a pessoa se dedica exaustivamente a leituras, cursos, palestras etc. e sente-se como se ainda isto não fosse o suficiente. Para Vietta (2012) o cérebro não possui condições de assimilação de tantas informações, então sintomas como: tensão, estresse, sonolência excessiva ou insônia, irritabilidade, crises de pânico e ansiedade podem ser evidenciados.

O Psicólogo criador do conceito de Síndrome da Fadiga Informativa, afirma que o excesso de informações paralisa a capacidade analítica e aumenta dúvidas e ansiedades. Descrevendo os efeitos da sobrecarga de informações sobre um indivíduo, David Lewis afirma que para sobreviver aos sintomas que indicam a presença da síndrome, é preciso abstinência ao uso ou acesso controlado à internet e a outros meios de comunicação. Sugerem ainda, caminhadas ao ar livre, prática de exercícios e planejamento do tempo com pausas ou interrupções frequentes que, em última

análise, seriam sessões intermitentes de abstinência.

Essa patologia Informacional também é descrita por Krinn (2011, p.1):

Pesquisas em ciência da tomada de decisões sugerem que a “fadiga da informação” pode nos levar a tomar decisões piores. Na medida que nos esforçamos para ter a última informação que foi enviada por mensagem de texto, tuitada ou divulgada pela CNN, de modo que nos ajude a tomar decisão, nossos cérebros não processam propriamente a informação no subconsciente (ou não refletimos sobre ela), porque novas informações ou opiniões continuam chegando. Nós tendemos a dar um grande peso para a informação mais recentemente recebida e deixar que sobrescreva a informação válida que pode ter sido recebida antes. Isso escala até um ponto em que a corrente de dados brutos causa sobrecarga (Krinn, 2011, pp.01).

Diante deste cenário de constante produção científica, a uma busca incessante pelos Programas de Pós-Graduação (PPG) brasileiros em alcançar as metas estabelecidas pelo CAPES, o que visa garantir não só a continuidade dos cursos, mas também a atração de investimentos para que novos grupos de pesquisas sejam criados e autorizados, os egressos ficam mais suscetíveis a desenvolverem os sintomas que caracterizam a síndrome em questão.

Ao se participar de grupos de pesquisas, várias são as atividades a serem realizadas, tais como: participação em eventos científicos, publicação em periódicos, sobretudo com melhor fator de impacto, desenvolvimento de pesquisa e defesa. Além disso outros fatores, como dificuldade financeiras, crises pessoais, doenças na família, problemas conjugais, dificuldade de acesso aos orientadores, todos esses são fatores que contribuem sobremaneira para acarretar esgotamento físico-mental e como consequência levar a patologias como a SFI.

Afirmção que também reforça este “estado mental” de sobrecarga de informações e as

suas consequências, é a trazida por Louzada (2005, p.90) onde ao analisar as situações que causam adoecimentos, sintomas de mal-estar e sofrimentos em discentes de pós-graduação no Brasil afirmou que “foi possível perceber que o número de adoecimentos é crescente no âmbito da pós-graduação, patologias como ansiedade, estresse e depressão estão entre as mais citadas”.

Galdino *et al* (2016) apontou em suas pesquisas relacionadas à exaustão em pesquisadores Mestrandos e Doutorandos em Enfermagem que a alta exaustão emocional foi identificada em 69,8% dos estudantes entrevistados, além de 27,1% apresentarem alta despersonalização e 24,8% baixa eficácia acadêmica. Nessa mesma pesquisa, 11,6% da amostra possuía sinais da síndrome de *Burnout*. Em se tratando de avaliações estatísticas, se percebe que há um nível considerável de discentes/pesquisadores com sinais de sobrecarga e esgotamento físico-mental.

Neste cenário de soluções ainda pouco aplicadas para reduzir os impactos da Fadiga Informativa, aliadas a comportamentos de notória dependência físico-emocional da “imposição social” de estar sempre conectado e bem informado, por parte da sociedade em geral, especialmente os estudantes-pesquisadores, nos parece que a tomada de iniciativas mais rígidas e efetivo controle serão mais producentes.

5 Ansiedade informacional

A ansiedade, assim como a informação, são palavras de teores abstratos e possuem uma variedade de conceitos, haja vista que muitos autores as utilizam em diferentes contextos. Skinner (1989) afirma que a atribuição de um termo científico para denominar sentimentos e emoções é sempre um desafio, dada à subjetividade destes, tanto é que nenhuma palavra parece ter sido criada para nomear um sentimento, tais termos surgiram como metáforas

atribuídas pela sociedade a sentimentos particulares.

As patologias psicológicas, na qual se enquadram os transtornos de ansiedade, hoje são tratados por especialistas como Psicólogos, Psiquiatras ou por uma combinação de ambos, não deve causar estranheza, quando do tratamento, forem envolvidos profissionais da nutrição e da metabologia, haja vista que os quadros ansiosos normalmente estão ligados a disfunções multifatoriais, o que implica em uma junta de profissionais para se chegar a diagnósticos mais precisos e com melhores resultados nos tratamentos.

Na necessidade constante de produção acadêmica, onde a busca da informação é o trabalho base para a construção da pesquisa, podem ser gerados quadros de ansiedade, que resultam em superestimulação constante de ideias, esse processo aliado a falta de tempo ou oportunidade para se atender a tais estimulações, geram um quadro patológico ansioso, vinculado ao não processamento adequado da quantidade de informações da organização do conhecimento científico, que podemos denominar de ansiedade informacional.

Como relembra Ribeiro (2017, p.99) o termo “ansiedade da informação” foi criado pelo designer e arquiteto da informação *Richard Saul Wurman*, em seu livro que leva o mesmo nome, o autor apresenta uma situação de crescimento informacional sem precedentes e sugere técnicas e posturas para que o indivíduo lide com a situação em seu cotidiano.

Antes de adentrar mais no assunto ansiedade informacional, se faz necessário trazer algumas considerações acerca da ansiedade. As alterações tecnológicas, aliadas com o surgimento da era pós-moderna, produziu uma horda de pessoas com transtornos crônicos de ansiedade, ocasionando sérios prejuízos às suas rotinas diárias.

A pessoa que convive com a ansiedade passa por obstáculos diários e o transtorno pode causar danos psicológicos e até mesmo

físicos. Existem situações em que a ansiedade tende a aumentar, como na hora de realizar uma prova, apresentar uma dissertação ou tese. Silva (2011, p.28) aponta ainda que:

Ser ansioso é possuir sensação de tensão, apreensão e inquietação, dominando todos os demais aspectos de nossa personalidade. Estar ansioso é tudo isso acompanhado por manifestações orgânicas tais como palpitações (taquicardia), suor intenso (sudorese), tonturas, náuseas, dificuldade respiratória, extremidades frias etc. (Silva, 2011, p. 28)

A ansiedade, assim como a informação, são palavras de teores abstratos e possuem uma variedade de conceitos, haja vista que muitos autores as utilizam em diferentes contextos. Skinner (1989) afirma que a atribuição de um termo científico para denominar sentimentos e emoções é sempre um desafio, dada à subjetividade destes, tanto é que nenhuma palavra parece ter sido criada para nomear um sentimento, tais termos surgiram como metáforas atribuídas pela sociedade a sentimentos particulares.

As patologias psicológicas, na qual se enquadram os transtornos de ansiedade, hoje são tratados por especialistas como Psicólogos, Psiquiatras ou por uma combinação de ambos, não deve causar estranheza, quando do tratamento, forem envolvidos profissionais da nutrição e da metabologia, haja vista que os quadros ansiosos normalmente estão ligados a disfunções multifatoriais, o que implica em uma junta de profissionais para se chegar a diagnósticos mais precisos e com melhores resultados nos tratamentos.

Adentrando mais especificamente no tema da ansiedade informacional, é registrado que no contexto da sociedade da informação, a ansiedade foi observada no processo informacional dos indivíduos pela primeira vez em 1605, quando Francis Bacon afirmou em seu livro intitulado *The Advancement of Learning* que um grande volume de

conhecimento traz muita contristação e sofrimento, e que aquele que aumenta o conhecimento, aumenta a ansiedade (Naveed *et al*, 2019).

Podemos registrar dois conceitos para a ansiedade informacional, como forma de ilustração, haja vista a complexidade e extensão de contexto em que tanto a palavra ansiedade, quanto a palavra informação pode ser aplicada. O primeiro conceito de origem estrangeira foi trazido pelo autor mais conhecido mundialmente, que cunhou o termo *ab initio*, onde afirma que ansiedade informacional é a:

[...] distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro existente entre os dados e o conhecimento, que aparece **quando a informação não diz o que queremos saber**. (Wurman, 2005, p. 14, grifo nosso).

Como aponta Alves *et al* (2015, p.130), o segundo conceito trazido vem da produção acadêmica nacional, onde afirma que: “A ansiedade da informação é o resultado de tudo que achamos que deveríamos saber se confundindo constantemente com aquilo que realmente deveríamos apreender.

A literatura traz outros tipos de ansiedades diretamente relacionadas com os produtores de conhecimento, próprias de ambientes acadêmicos ou de atividades educacionais. Correia (2022, p.35) relembra que com o passar dos anos, profissionais cunharam os termos *Library Anxiety* (Melon, 1986) *Information Seeking Anxiety* (Erfanmanesh, Abrizah e Karim, 2012) e *Information Anxiety* (Wurman, 1986). Os termos *library anxiety* (ansiedade de biblioteca) e *information seeking anxiety* (ansiedade por busca de informação) surgiram no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto o termo *information anxiety* (ansiedade de informação) veio da área de Ciências da Computação.

Aprofundando um pouco mais sobre os termos que estão relacionados à ansiedade da

informação, conforme Naveed e Anwar(2019, p.2) temos a *Library Anxiety (Ansiedade de Biblioteca)* que se refere ao desconforto dos usuários associados ao espaço físico da biblioteca, no tocante a *information seeking anxiety* (ansiedade por busca de informação), se refere aos sentimentos associados ao processo de busca de informações além do espaço físico de uma biblioteca, inclui ansiedade ao procurar informações de uma variedade de fontes com a *web*, humanos e bibliotecas, e por fim temos a *information anxiety* (ansiedade de informação), este inclui outras ansiedades associadas a outros aspectos da informação, como definição de tarefa, reconhecimento de necessidades, acesso, compreensão, síntese, avaliação, uso etc.

A necessidade de informação, atrelada com a quantidade de informação disponível, torna os seres humanos verdadeiros “imãs” de informação, porque ficamos condicionados a se conectar com diversas fontes de informações através do uso da tecnologia, ferramenta que surge, e passa a ser a principal fonte de comunicação e acesso a dados nos tempos atuais. Esse estilo de vida, condicionado ao manuseio diário de diversas fontes, faz com que o ser humano comum entre em sobrecarga, e com isso tenha grande dificuldade em processar todas as informações a que estamos expostos durante todo o dia.

Nesse diapasão, percebemos o quanto da sobrecarga de informações pode ser um catalisador para a manifestação da ansiedade informacional, haja vista que o autor aponta que a quantidade de informações que precisamos absorver, aumentam os nossos erros de percepção, fazendo assim que na maioria das vezes tenhamos uma visão distorcida das coisas, já que a quantidade de dados nos impede de analisarmos com profundidade o que aprendemos ou o que nos é apresentado.

Quando nos voluntariamos para fazer parte de um grupo de pesquisadores, ou quando nos submetemos as seleções do programas de Pós-graduação, seja *lato sensu* ou *stricto*

sensu, somos tomados por diversas sensações de insegurança, dúvidas e incertezas, porque já começamos com uma necessidade de selecionar o tema que será pesquisado. Esse que é o primeiro e principal passo de um estudante de um programa de mestrado ou doutorado, já se apresenta como principal catalisador do estado ansioso, haja vista que a quantidade de temas que podemos abordar, e a imensidão de fontes de pesquisas que são necessárias para o desenrolar da pesquisa, tornam a necessidade de uma competência informacional bastante assertiva, sob o risco de nos tornarmos “reféns” das próprias facilidades tecnológicas, que é o amplo acesso a informação de forma rápida e ampliada.

Na Ciência da Informação, os estudos acerca desta temática têm se ampliado com o passar dos anos, especialmente pelo agravamento dos quadros de patologias psiquiátricas relacionadas ao uso da informação, bem como quanto ao avanço desenfreado das tecnologias para difusão e recuperação da informação.

Esse fenômeno afeta estudantes de várias áreas conforme os estudos apontados em Balbinotti (2021, pp.187-188) que buscou investigar estudantes de uma turma do Emancipa, um curso pré vestibular no Centro Histórico de Porto Alegre, onde constatou-se que estes são cercados por incertezas e medos diante da tomada de decisão na hora das escolhas das informações e das fontes que deveriam escolher, isso atrelado ao esquecimento, nervosismo, sentimento de culpa, insônia, medos e a angústia, identificados como os principais sintomas que os alunos apresentaram em decorrência do excesso de informações exigidas ou disponibilizadas durante os estudos.

Importante pesquisa também neste segmento foi trazida recentemente por Santos, Leal e Lobo (2024, p.13), onde fizeram uma correlação entre a ansiedade informacional e a concepção de normose informacional, os autores se debruçaram em uma pesquisa com graduandos e pós-graduandos da

Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Salvador (UNIFACS), ambas com sede na capital do estado, onde os achados encontrados, constataram estudantes com um grau leve e moderado de ansiedade, relacionados ao volume excessivo de informações, como por exemplo a “incapacidade de relaxar”, e nervosismo, apresentando dificuldades subjacentes no intento de procurar e recuperar conteúdos qualificados.

Oliveira (2022, p.37) aponta que a ausência de informação, também se configura como agente estressor e ansiogênico para o homem, quando não há informações disponíveis, a ansiedade é causada pela sensação de falta, de estar por fora de algo ou quando o indivíduo observa uma lacuna de conhecimento. Essa sensação de estar fora ou medo de “ficar de fora” do mundo tecnológico, também é considerada uma patologia psicológica denominada de Síndrome de FOMO (*Fear of Missing Out*), conforme aponta Santos *et al* (2024, p.8).

Diante disso, fica evidente que não se pode dissociar o esforço do acadêmico em pesquisar, selecionar os dados, estabelecer critérios rigorosos para dar qualidade e credibilidade à sua pesquisa, dá crescente incapacidade humana em selecionar e processar adequadamente a sobrecarga de informações disponíveis para a realização do seu mister, gerando assim quadros de ansiedade informacional.

A busca para se evitar um possível diagnóstico de ansiedade informacional, envolve um controle eficaz sobre os processos que envolvem o uso da informação. Devemos selecionar com critérios as informações que realmente são importantes e necessárias para que não nos deparemos com situação de falta ou excesso de informações. Conforme Alves *et al* (2015, p. 133) o indicado é aprender a selecionar o que realmente interessa, organizar as informações que serão pertinentes, assim, diminuindo o quadro de ansiedade informacional, preservando a saúde mental e física.

O arquiteto da informação e precursor dos estudos da ansiedade informacional, *Wurman* (1991, p.341) elenca algumas atitudes que considera importantes para prevenir ou acabar com a ansiedade informacional, onde devemos seguir aceitando que existem muitas coisas que você não compreende. Deixe que aquilo que você não sabe seja a centelha de sua curiosidade. Visualize a expressão "não sei" como um recipiente que pode agora ser enchido com a água do conhecimento.

6 Comportamento informacional humano

Buscando garantir o aprofundamento nos estudos que envolvem o bojo desta pesquisa, necessário se faz trazer considerações relevantes sobre o comportamento informacional humano na perspectiva do usuário, haja vista ser na busca e uso da informação, que melhor entendemos o perfil do usuário que aqui nos debruçamos.

De forma abreviada partimos da gênese do comportamento humano, *Erasmus Darwin* publica as primeiras observações acerca da transformação das espécies em ambientes naturais. *Charles Darwin* anuncia, "posteriori" ao avô, uma corrente relativa à origem da humanidade pautada no desenvolvimento de períodos inferiores (macaco) aos superiores (homem primitivo e homem cultural) precursora da Biologia Evolutiva, como aponta Santos (2016, p.26).

Em apertada síntese sobre a cronologia das teorias do comportamento humano, *Burrhus Frederic Skinner* (1904-1990), traz com o seu behaviorismo radical, a centralidade do meio ambiente na conduta humana, contrapondo o behaviorismo metodológico que representaria uma dimensão psicológica do positivismo(condições externas), Santos (2016, p.34) aponta que o behaviorismo radical compreende a filosofia da análise do comportamento pautada na epistemologia, que recupera subsídios teóricos para sua efetivação.

Nesse sentido, o comportamento representa uma síntese das relações da situação do ambiente físico ou social(estímulo) com as atividades do organismo (respostas), e reordena o conhecimento e as representações dos indivíduos no decorrer da história. Estudos do comportamento humano exigem complexo aprofundamento devido às suas especificidades, conforme aponta Santos (2016, p.36),

O constructo científico no âmbito das ciências humanas e sociais autoriza apenas anunciar verdades parciais e provisórias (...), o caráter cumulativo de pesquisas desenvolvidas em diversos domínios de conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia, a Biologia, permitem avanços consistentes para a análise destas operações. Estudar comportamento no âmbito das elaborações científicas requer observações criteriosas em relação ao fenômeno, sensibilidade e imaginação sociológica, que excedem a intervenção de instrumento de coleta de dados (Santos, 2016, p.36).

A definição do que seria comportamento informacional foi originalmente utilizada por *Thomas Wilson* (1997) para se referir ao avanço das pesquisas dos usuários da informação, para este autor comportamento informacional seria o conjunto de atividades na qual uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação, podendo realizar busca, uso e transferência de informação (Wilson, 1999).

As pesquisas pioneiras no campo dos estudos de usuário, área que comporta os estudos sobre necessidades de informação e comportamento informacional, surgiram em meados dos anos 40 e início dos 50, com a ocorrência da Conferência de Informação 24 Científica da Sociedade Real, em 1948, no Reino Unido, e a Conferência Internacional de Informação Científica, em Washington, Estados Unidos, em 1958 (Gasque; Costa, 2010).

O processo de evolução dos estudos dos usuários da informação sob a ótica da ciência da informação, se concentra na necessidade de solucionar os problemas relativos à intensa produção de informações científicas e tecnológicas surgidas no pós-guerra. Após a publicação do ensaio “*As we may think*” (em português como podemos pensar), no volume de 1945 do periódico *The Atlantic Monthly*, Vannevar Bush (1890-1974) discute com propriedade as lacunas oriundas de informações técnico-científicas produzidas, mais não organizadas devidamente, para a recuperação e uso dos conteúdos. (Santos, 2016, p.68)

A produção incessante de informações, exigia dos novos cientistas da informação habilidades para a análise e organização de todo conhecimento que estava sendo produzido, naturalmente este processo ampliou a necessidade de se estabelecer novos critérios para se organizar os dados recebidos, bem como estabelecer meios que facilitassem a recuperação da informação.

No Brasil, segundo Mata (2022, p.2) os estudos de usuários da informação foram inseridos na matriz curricular dos cursos de pós-graduação em CI, e da graduação em Biblioteconomia a partir da década de 1970, e de forma mais recente nos curso de Gestão da Informação e Arquivologia, sendo o principal agente motivador o surgimento de pesquisas sobre o tema no âmbito nacional e internacional.

Dentro desta evolução podemos destacar como marco divisor o início dos anos 80, onde passaram a surgir estudos relativos às necessidades e à utilização de informações, deslocando para os usuários novas oportunidades de pesquisas na Ciência da Informação referentes à recuperação de informação previamente processadas em instituições e organizações.

Esses estudos de usuários tradicionalmente se dividem em segmentos, onde um é denominado de abordagem tradicional, conhecida como paradigma clássico, focados na utilização das bibliotecas; outro chamado

de abordagem cognitiva, focado no estudo do comportamento informacional de um grupo de indivíduos, que imputa ao usuário a centralidade dos processos informacionais conforme Santos (2016, p.69); e o social, com ênfase nos processos de uso da informação pelos indivíduos baseados nos aspectos sociais do cotidiano, denominado práticas informacionais (Mata, 2022, p.41).

Na perspectiva da abordagem tradicional do estudo dos usuários, Figueiredo (1994) aponta que está se concentra nas investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou se estes usuários se encontram satisfeitos em suas necessidades informacionais. Nestes estudos se buscou identificar as necessidades e satisfação dos usuários, identificar os canais mais acessados pela comunidade, verificar os documentos mais requeridos por eles, além dos hábitos e formas de uso.

No que tange a abordagem cognitiva, ou alternativa, às necessidades de informação obedecem às causalidades dos fatores socioculturais, e comparam-se às necessidades educativas, conforme aponta Santos (2016, p.71), discorre ainda que as necessidades procuraram resolver problemas práticos ou intelectivos, a partir da disponibilidade de conhecimento em sistemas informacionais, sem preterir as competências dos usuários.

Segundo Wilson (2016), as teorias que tentam explicar o comportamento humano, isto é, o reconhecimento de uma necessidade de informação e o uso da informação (como os processos de compreensão e aprendizagem) envolvem elementos cognitivos. Nesse viés, se faz necessário a aplicação de metodologia apropriada para a coleta de dados, para buscarmos o entendimento mais objetivo dos procedimentos informacionais de determinado grupo.

Na construção de um estudo do usuário da informação, importante teoria que despontou nos anos 1990 foram as ligadas à abordagem social, esta teoria, conforme

Araújo (2021, p.25) estava focada no contexto social do usuário, levava em consideração os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais envolvidos nos comportamento informacional.

Surgindo no ambiente do estudo do usuário, como aponta Capurro (2003), o paradigma social ou abordagem social, aparece como um contraponto à abordagem cognitiva, que limitava o escopo da busca do usuário à sua própria subjetividade na relação da informação. Santos (2016, p.71), afirma que o paradigma social procura compreender os aspectos implícitos e explícitos da informação e comunicação, delineando mecanismos subjacentes ao comportamento informacional dos indivíduos. Em apertada síntese convém destacar que tanto as abordagens tradicional, como a cognitiva e a social contribuíram e ainda continuam a ser o pilar epistemológico da Ciência da Informação, no que tange especialmente ao comportamento do usuário da informação, ou em outras palavras, na sua busca e uso da informação.

7 Procedimentos Metodológicos

A abordagem do estudo é a de métodos mistos, ou seja, serão coletados dados quantitativos e qualitativos, pois isso permite a produção de dados que se complementam, o que possibilita uma interpretação mais completa e rica das informações obtidas. A pesquisa quantitativa considera que todos os dados podem ser quantificados, inclusive opiniões advindas de uma entrevista, por exemplo, as quais devem ser traduzidas em números, para serem classificadas e analisadas.

Utilizaremos como instrumento de coleta um questionário aplicado através da plataforma *Google forms* que, irá estabelecer o perfil dos usuários, visando identificar as suas fontes, canais e necessidades informacionais, identificando como procuram, recuperam, avaliam e se apropriam da informação; identificar os desafios relacionados a sobrecarga informacional na satisfação das suas necessidades informacionais na produção

acadêmica; e os sintomas e consequências da sobrecarga informacional na apropriação da informação. Pensando no processos vinculados ao excesso de informação o físico catalão *Cornellá* elaborou, em 1996, o conceito de *infoxicação*, um neologismo criado da junção do termo informação e intoxicação, visando denominar situações que decorrem do não processamento adequado pelo ser humano, do excesso de informações, criando barreiras entre o ler e o entender. Pessoas sob o efeito da *infoxicação* tentam processar diariamente uma quantidade muito acima de informações do que o seu organismo poderia suportar.

Neste sentido, este neologismo dá origem ao que foi denominada de *Síndrome da Fadiga Informativa*, conceito estabelecido pelo psicólogo David Lewis, que ressaltou que a overdose de informações, gera fadiga, cansaço, irritabilidade, distúrbios do sono, problemas gástricos, dificuldades de memorização, podendo ainda favorecer o surgimento de doenças psíquicas como depressão, síndrome do pânico, transtorno de ansiedade, esgotamento físico e mental (Wilke, 2020).

8 Resultados Finais

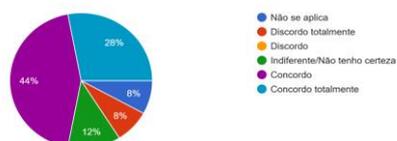
Dentro do universo da pesquisa, trouxemos como amostra membros do LAPCI – Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação. Este grupo desenvolve pesquisas no âmbito epistemológico da Psicologia e Ciência da Informação, como 'comportamento informacional', 'práticas informacionais', 'sujeitos informacionais', 'necessidades de Informação', 'competência em informação', 'comportamento humano (psicologia)', 'informação e saúde mental' e 'ansiedade e normose informacional' e outros, orientadas a estudos sistematizados e à produção científica.

Os Relatos colhidos no formulário demonstraram que parcela significativa da amostra, apresenta sinais de impactos gerados pela sobrecarga informacional durante as suas atividades acadêmicas, onde em média 80% responderam que concordam, ou concordam totalmente, quanto às indagações: entre outras sobre os motivos que levam a sobrecarga de informações na busca e uso tendo diversas

fontes para compor a pesquisa; exposição prolongada a ambientes digitais e constante busca por informações afetando os níveis de estresse e ansiedade; se a sobrecarga de informações impactam negativamente a saúde mental; afirmam sentir preocupação constante em esquecer detalhes importantes de artigos ou livros que leu para provas ou trabalhos, entre outros aspectos elencados no instrumento de coleta escolhido.

Podemos afirmar como demonstração o gráfico 01 que apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com 25(vinte e cinco) pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa do Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação(LAPCI). O objetivo da investigação é compreender como a sobrecarga de informações interfere no comportamento informacional desses estudantes. A maioria dos respondentes (12) afirmou sentir-se ansiosa ao buscar informações relevantes para seus trabalhos acadêmicos, enquanto 05(cinco) concordaram totalmente com essa afirmação. Apenas uma minoria declarou discordar ou não ter certeza.

6. Sinto-me sobrecarregado(a) com a quantidade de informações disponíveis na universidade.
25 respostas



Esses dados sugerem que a ansiedade informacional é um fator significativo, especialmente em um momento crítico da trajetória acadêmica, como o processo de qualificação. A sobrecarga informacional, portanto, parece impactar diretamente o bem-estar e a produtividade desses discentes.

Gráfico 01

Fonte: dados da pesquisa

No gráfico 02 foi questionado sobre as dificuldades que os pesquisadores tinham em se concentrar nos estudos devido ao excesso de informações recebidas de diferentes fontes, tendo como resultado. Dentre os 25 participantes, a maioria dos discentes concorda (11 respostas) com a sensação de sobrecarga,

enquanto 07 concordam totalmente, evidenciando que 72% (18 de 25) dos respondentes reconhecem a existência dessa sobrecarga. Por outro lado, uma minoria discorda totalmente (2) ou afirma que a questão não se aplica (2). Já 04(quatro) participantes se mostraram indiferentes ou inseguros sobre a resposta.

09. Tenho dificuldades em me concentrar nos estudos devido ao excesso de informações recebidas de diferentes fontes.
25 respostas

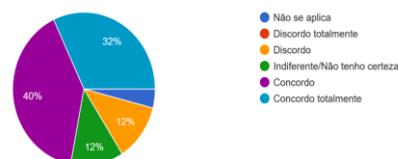


Gráfico 02

Fonte: dados da pesquisa

Esses dados reforçam a hipótese da pesquisa: a grande quantidade de informações disponíveis pode comprometer o comportamento informacional dos pesquisadores, especialmente em fases decisivas do curso, como a qualificação. Isso aponta para a necessidade de estratégias institucionais que promovam a curadoria da informação e o desenvolvimento de competências para sua gestão eficiente.

O gráfico 03(três) trazido como amostra da pesquisa se refere à seguinte afirmação: “Quando me deparo com muitos materiais de estudo, sinto falta de orientação para saber por onde começar.” Essa pergunta compõe a investigação sobre como a sobrecarga de informações impacta o comportamento informacional dos pesquisadores do grupo LAPCI (Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação).

A maioria dos participantes revelou dificuldades relacionadas à organização e ao direcionamento diante do excesso de informações: 09(nove) respondentes concordaram totalmente com a afirmação, enquanto 07(sete) concordaram, totalizando 16(dezesseis) participantes, onde (64%) demonstraram sentir-se perdidos ou desorientados ao lidar com muitos materiais de estudo. Em contrapartida, 04(quatro) participantes discordaram, e 02(dois) discordaram totalmente, o que indica que uma

minoria se sente mais segura ou estruturada. Apenas 01(uma) pessoa respondeu que a afirmação não se aplica, e 02(duas) ficaram indiferentes ou incertas.

11. Quando me deparo com muitos materiais de estudo, sinto falta de orientação para saber por onde começar.

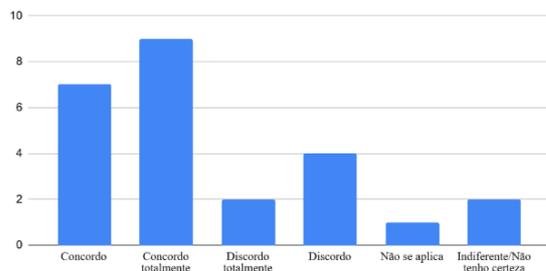


Gráfico 03

Fonte: dados da pesquisa

Esses dados evidenciam um padrão de desorientação frente ao excesso de informação, o que confirma a hipótese da pesquisa: a sobrecarga informacional pode comprometer a capacidade dos pesquisadores de gerenciar, priorizar e utilizar os dados disponíveis de forma eficaz. Para o grupo objeto da pesquisa, isso pode significar a necessidade de elaboração de estratégias de mediação da informação, desenvolvimento de habilidades de curadoria especialmente digital e metodologias que favoreçam o foco e a autonomia informacional dos discentes e pesquisadores envolvidos.

O gráfico 04(quatro) apresentado na pesquisa refere-se à afirmação: “Sinto preocupação constante em esquecer detalhes importantes de artigos ou livros que li para provas ou trabalhos.” Esta questão integra também a investigação sobre os efeitos da sobrecarga de informações no comportamento informacional dos pesquisadores do grupo LAPCI (Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação), na busca de atender os objetivos específicos propostos e hipóteses prováveis sobre a resposta da pergunta problema.

A maioria expressiva dos respondentes relatou sentir essa preocupação: 10(dez) participantes concordaram com a afirmação, e outros 10(dez) concordaram totalmente, totalizando 20(vinte) pessoas, onde (80%) demonstraram ansiedade relacionada à retenção de informações acadêmicas importantes. Apenas 01(um)

participante se mostrou indiferente ou incerto quanto à afirmação. As respostas negativas foram mínimas, com apenas 01(uma) discordância, 1(uma) discordância total e 01(uma) resposta como “não se aplica”.

16. Sinto preocupação constante em esquecer detalhes importantes de artigos ou livros que li para provas ou trabalhos.

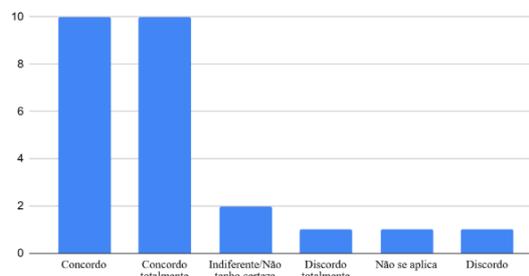


Gráfico 04

Fonte: dados da pesquisa

Esses resultados reforçam a tese de que a sobrecarga informacional compromete a assimilação e a retenção de conteúdos, afetando diretamente o comportamento informacional dos pesquisadores do grupo. A preocupação em esquecer informações relevantes pode ser reflexo da dificuldade em lidar com grandes volumes de leitura, excesso de estímulos cognitivos e falta de estratégias eficazes de organização e revisão dos materiais estudados.

Diante disso, evidencia-se a necessidade de intervenções que promovam práticas de gestão da informação, técnicas de estudo mais eficientes e apoio institucional que favoreça a saúde mental e a produtividade acadêmica dos integrantes do LAPCI.

9 Considerações finais

Os resultados colhidos durante a pesquisa, demonstraram que os participantes, se encontram com altas taxas de sobrecarga informacional. Com a descrição dos gráficos, ainda que de amostra parcial de membros dos grupos, foi possível identificar alguns dos desafios enfrentados pelos membros do grupo de pesquisa LAPCI, nos aspectos ligados a sobrecarga de informações especialmente no que tange a coleta e uso de informações para as pesquisas do grupo; foi identificado também alguns padrões de comportamento informacional dos membros do grupo

relacionados a busca e avaliação das informações e por fim também se identificou aspectos que interferem diretamente no processo de apropriação e utilização das informações colhidas para as pesquisas acadêmicas relacionadas a sobrecarga de informações.

Estas observações colhidas, levam a direções que comprovam que a CI não pode estar silente às diversas patologias informacionais que podem se instalar nos usuários, em especial os pesquisadores acadêmicos, que são a grande força de produção e evolução científica de um estado/nação.

Se faz necessário o aprofundamento das questões pontuadas na pesquisa, uma vez que cabe ao cientista da informação identificar e desenvolver habilidades para mitigar possíveis desenvolvimentos de transtornos mentais, associados ao uso da informação, bem como garantir que a busca, uso e apropriação da informação sejam direcionados para as boas práticas informacionais.

10 Considerações finais

Alves, E. N. P., Bezerra, S. F., & Sampaio, D. A. (2015).

Ansiedade de informação e normose: As síndromes da sociedade da informação.

Biblionline, 11(1), 130–139.

<https://www.bibliotecadigital.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/21871>

ARAÚJO, C. A. A. (2021). Os estudos em práticas informacionais no âmbito da Ciência da Informação. In E. C. Alves (Org.), *Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa* (pp. 25–26). João Pessoa: UFPB.

Balbinotti, S., & Moura, A. M. M. de . (2021).

Ansiedade informacional em alunos de curso preparatório para ingresso no ensino superior: um estudo no Emancipa da unidade Centro Histórico de Porto Alegre. *Revista Ibero-*

Americana De Ciência Da Informação, 14(1), 171–193.

<https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.31376>

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.

Bawden, D.; Robinson, L.(2009). The dark side of information: Overload, anxiety and other paradox and pathologies. *Information Science* [em linha]. vol. 35, nº2, p. 1-12. . DOI. [org/10.1177/0165551508095781](https://doi.org/10.1177/0165551508095781). Disponível em: journals.sagepub.com

Cambridge University Press. (2022). *Anxiety*. In *Cambridge Dictionary*. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/anxiety>

Capurro, R. (2003). Epistemologia e ciência da informação. In *5º Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Belo Horizonte*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia. http://www.capurro.de/enancib_p.htm

Castells, M. (2006). *A sociedade em rede* (9. ed. rev. e ampl.). São Paulo: Paz e Terra. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1638>

Eppler, M. J., & Mengis, J. (2004). The concept of information overload: A review of literature from organization science, accounting, marketing, MIS, and related disciplines. *The Information Society*, 20(5), 325–344. <https://doi.org/10.1080/01972240490507974>

Figueiredo, N. M. de. (1992). A modernidade das cinco leis de Ranganathan. *Ciência da Informação*, 21(3), 186–191. <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/430/430>

Gasque, K. C. G. D., & Costa, S. M. S. (2010). Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. *Ciência da Informação*, 39(1), 21–32. <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1a02>

- Galdino, M. J. Q., Silva, A. B., Santos, C. D., & Oliveira, F. E. (2016). Mestrado em enfermagem: sentimentos vivenciados por estudantes. *Revista Enfermagem UFPE on line*, 10(2), 501–507.
- Graf, B., & Antoni, C. H. (2020). A relação entre características de informação e sobrecarga de informação no local de trabalho: Uma meta-análise. *Jornal Europeu de Trabalho e Psicologia Organizacional*, 30(1), 143–158.
<https://doi.org/10.1080/1359432X.2020.1813111>
- Han, Byung-Chul. (2018) *No Enxame: Perspectivas do Digital*. Petrópolis, RJ: Vozes.
https://www.academia.edu/79135052/HAN_Byung_Chul_No_enxame_perspectivas_do_digital_Trad_Lucas_Machado_Petr%C3%B3polis_Vozes_2019_134p
- Johnson, C. A. (2012). *A dieta da informação* (pp. 15–25). São Paulo: Novatec.
- Krinn, K. L. (2011). President’s message: Information overload in our polarized society. *Journal of Environmental Health*, 73(9), 4–45.
<http://www.jstor.org/stable/26329214>
- Louzada, R., & Filho, J. (2005). Formação do pesquisador e sofrimento mental: Um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 451–461
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300013>
- Mata, M. L. da. (2022). Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 27(2), 37–57.
- Monteiro, A. (2021). Infoxicação: mais um mal da modernidade. Recuperado em junho de 2024, de <https://santamaria.org.br/infoxicação-mais-um-mal-da-mordenidade>
- Moraes, S. C. B., Almeida, C. C., & Alves, M. R. L. (2020). Informação, verdade e pós-verdade: Uma crítica pragmaticista na Ciência da Informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 25, 1–22. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e65505>
- Naveed, M. A., & Anwar, M. A. (2019). Modeling information anxiety. *Library Philosophy and Practice*, 2758.
<https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/2758>
- OMS: O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante. **Nações Unidas Brasil**, [s.l.] 2020.
<https://brasil.un.org/pt-br/85787-oms-oimpacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante>.
- Pinheiro, M. M. K., & Brito, V. P. (2014). Em busca do significado da desinformação. *DataGramaZero*, 6. Recuperado em 25 de junho de 2024, de <https://brapci.inf.br/#/v/8068>
- Politi, C. (2021). Infoxicação: os riscos causados pelo excesso de informação na internet. Recuperado em 25 de junho de 2024, de <https://portal.comunique-se.com.br/infoxicação>.
- Ribeiro, D. O. (2017). *A criatividade do excesso: historicidade, conceito e produtividade da sobrecarga de informação* (Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo).
<https://doi.org/10.11606/D.27.2018.tde-12012018-101648>.
- Santos, J. C. S. dos. (2016). *A informação em instituições políticas: Subsídios teóricos e empíricos à proposição do modelo de comportamento informacional em assessorias parlamentares* (Tese de doutorado). Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia.
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/20697/1/Tese%20de%20Doutorado-%20JOS%C3%89%20CARLOS%20SALES%20DOS%20SANTOS.pdf>
- Santos, J. C. S., Leal, D. L., & Lobo, C. S. (2024). Encontros operativos em ansiedade e normose informacionais do Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação (LAPCI). *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, 1–16.
<https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/396>
- Silva, A. B. B. (2011). *Mentes ansiosas: medo e ansiedade além dos limites*. Objetiva.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill Publishing Company.

Vietta, E. P. (2012). TAG: Síndrome da fadiga informativa síndrome do excesso de informação. Recuperado em 25 de junho de 2024, de <https://ednavietta.wordpress.com/tag/sindrome-da-fadiga-informativa/>

Wilke, V. C. L. (2020). Pós-verdade, fake news e outras drogas: vivendo em tempos de informação tóxica. *Logeion: Filosofia Da Informação*, 7(1), 8-27. <https://doi.org/10.21728/logeion.2020v7n1.p8-27>

Wilson, T. D. (2016). A general theory of human information behaviour. *Information Research*, 21(4). <http://www.informationr.net/ir/21-4/isic/isic1601.html>

Wurman, R. S. (1991). *Ansiedade de informação* (V. Freire, Trad.). Cultura Editores Associados.

Wurman, R. S. (2005). *Ansiedade de informação 2: um guia para quem comunica e dá instruções* (M. Mendonça, H. Monteiro, F. de Oliveira, L. R. Mendes, & T. Costa, Trad.). Editora de Cultura.